

GÉNERO. O PSD ORGANIZOU UMA ACADEMIA DE FORMAÇÃO PARA MULHERES

MENINO ENTRA, ENSINA MAS NÃO APRENDE

Elas percebem como falar em público e fazer *networking* – ferramentas para conquistarem um lugar na política. Até eles já querem assistir e Rio quando lá foi parecia nervoso. Por Margarida Davim

Quando Lina Lopes lançou a primeira Academia de Formação Política para Mulheres do PSD, em 2018, foi criticada. “Nem calcula o que me disseram no Facebook. Mas porquê para mulheres?”, conta a deputada, dias depois de concluir a quarta edição do evento que pretende dar às mulheres sociais-democratas ferramentas para vingar num mundo de homens: a política.

“Fui vítima de *bullying* na primeira academia”, revela Lina Lopes, que diz ter sido acusada de “querer poder” ou de “chamar idiotas às mulheres”. Contrapõe: “Estamos a dar formação para haver mais mulheres na política.” E se fosse uma formação só para homens? “Qual é o problema? Também há formações só para autarcas ou só para jovens.”

De que precisam as mulheres para se afirmar nos partidos? *Networking* e competências para falar em público: “Culturalmente é bem visto um jantar de homens, mas de mulheres não”, diz Lina Lopes, que acha que “as ligações na política são muito importantes” e que assim também se põem as sociais-democratas em contacto umas com as outras.

Desta vez, as ações de formação foram por Zoom e num só dia, por causa da pandemia. Mas até agora o formato era “em regime de internato”. As inscritas ficavam três dias “fechadas num hotel”. Da primeira vez, só 35 dos 50 lugares disponíveis ficaram ocupados. Desde a segunda edição que a lotação se esgota e até há homens que querem entrar. “Podem ir assistir às sessões abertas e até jantar e fazer perguntas nos debates, mas as formações são só para mulheres”. Uma discriminação necessária? “Se puser um homem, tiro o lugar a uma mulher”, justifica.

Lá fora

Lina Lopes nota que esta não é uma ação isolada na ala política em que o PSD se integra. “O Partido Popular Europeu tem a EPP Woman, com 60 organizações deste tipo”

Cada participante paga €60 pela formação do PSD, financiada pela Fundação Konrad Adenauer. A mais recente foi por zoom, as anteriores foram em regime de “internato”. Há muitos homens como formadores

À DEPUTADA CATARINA ROCHA FERREIRA PERGUNTARAM COMO CONCILIA A FUNÇÃO COM A VIDA FAMILIAR

Acusar a pressão

Esteve na iniciativa quando disputava a liderança com Santana Lopes. “Ambos estavam nervosos” com a plateia feminina, diz Lina Lopes

O formato não é exclusivo do PSD. As Mulheres Socialistas organizam formações idênticas e, desde o último congresso, passaram a ter uma espécie de estrutura sombra no feminino do aparelho do partido. A organização socialista (1.500 inscritas) tem agora federações e concelhias à imagem do PS. Porquê? A líder, Elza Pais, diz que os números falam por si. “Em 19 federações do PS há zero mulheres. E presidentes de concelhias são muito poucas.” No PSD, o retrato é idêntico: só uma das 19 distritais é liderada por uma mulher. No parlamento, em 13 comissões só duas são presididas por mulheres. “Só nas coordenações das comissões, que dão muito mais trabalho e não são remuneradas, é que 50% ou mais são mulheres”, refere Lina Lopes.

“Tem que ver com a cultura institucional nos partidos. Temos mais barreiras para entrar”, afirma Elza Pais, explicando que um dos pontos fortes da formação dada às socialistas é sobre “tomar a palavra” e que até já teve homens a assistir a estas ações de *media training*. “Não há uma luta de sexos. Num mundo ideal, deixará de ser preciso haver esta organização para mulheres no partido, mas até lá estamos a promover a autonomia e o empoderamento.”

O embaraço de Pacheco Pereira

Apesar de o objetivo ser dar formação política a mulheres, os homens estão sempre nos painéis de formadores. Na última organizada pelo PSD, o líder parlamentar Adão Silva



Esgotado

Esteve escalado para falar durante uma hora num jantar com gente à porta. “Encantado”, falou três horas

partilhou o seu longo percurso parlamentar ao lado de Catarina Rocha Ferreira, uma jovem deputada que já está na direção da bancada. Diferença entre ambos? Só a Catarina foi perguntado mal chegou ao parlamento como ia conciliar a vida familiar de mãe de uma filha pequena com o trabalho de deputada.

As conferências desta academia para mulheres têm mostrado como se está longe de uma igualdade entre

gêneros. José Pacheco Pereira, que nesta edição deu uma formação sobre Comunicação Política, ilustrou-o inadvertidamente. “Houve uma participante que lhe pediu que sugerisse 10 livros. Só deu sugestões de autores homens”, relata Lina Lopes. O orador foi confrontado com isso e “acabou por sugerir a Virginia Wolf”.

Lina Lopes diz que não é incomum os homens que participam acusarem a pressão de estar perante uma plateia exclusivamente feminina. “Os homens não estão tão à vontade”, observa: quando Rui Rio e Pedro Santana Lopes foram falar numa formação durante as últimas diretas “notava-se que estavam nervosos”. Mas também há quem se solte.

Alvo de bullying

Na primeira academia, diz, acusaram-na de “chamar idiotas às mulheres”. A deputada contrapõe: quer dar-lhes formação para haver mais na política

Alberto João Jardim foi um dos convidados da ação na serra da Estrela. O jantar esgotou as inscrições, com pessoas de fora (incluindo homens) que não queriam perder a palestra. Em vez de falar uma hora, como estava previsto, falou três. “Ele ficou encantado”, garante a organizadora.

As ações também abordam temas mais dirigidos à luta pela igualdade entre gêneros. Nesta última formação, Ana Sofia Fernandes, vice-pre-

No masculino
O historiador sugeriu 10 obras, só com autores homens – é a ilustração das pequenas nuances que nestas conferências ainda demonstram desigualdade

Como diz?

“O ‘género’ está muito conotado com a ala esquerda, mas elas no fundo dizem o mesmo que nós”, diz Lina Lopes, que em vez de “ideologia de género” usa “igualdade de género”

ELZA PAIS RECORDA QUE NENHUMA DAS 19 FEDERAÇÕES DO PS É PRESIDIDA POR UMA MULHER

sidente do European Women’s Lobby, explicou porque é importante incluir nos Orçamentos do Estado a avaliação do “contributo dos orçamentos públicos para a realização da igualdade entre mulheres e homens”. Ao desagregar os dados, é possível, por exemplo, perceber as diferenças salariais ou o investimento em ações como a saúde reprodutiva das mulheres, a prevenção e combate à violência sobre as mulheres. “Uma mulher legisladora, no parlamento, pode propor coisas novas ou, nas questões propostas, introduzir a sua visão: com estas formações ficam tecnicamente mais preparadas para o fazer”, refere Ana Sofia Fernandes. Lina Lopes reclama uma conquista do PSD nesta área: “No Orçamento para 2020 confrontei todos os ministros com a necessidade desta análise. Este ano, pela primeira vez, o Orçamento tem dados desagregados por género”.

Rio, o feminista

E que papel tem o líder nesta iniciativa? Rui Rio, frisa Lina Lopes, tem sido um apoio. No último evento, o presidente do PSD fez um discurso *online* para sublinhar a importância “vital” da formação na política. “Tem uma preocupação com a participação das mulheres na política, se não tivesse não nos estava a apoiar”, argumenta. A deputada nota que foi sob a sua liderança que o PSD apresentou, pela primeira vez, uma lista paritária às eleições europeias. “E foi uma luta”, observa. “Tudo o que é da competência dele ele faz.” Um elogio que vem com a crítica subliminar às estruturas partidárias que impediram listas paritárias para as legislativas. “Mesmo assim, Rui Rio conseguiu colocar muitas mulheres como cabeças de lista”, lembra. □